

Letramento Literário e Carolina Maria de Jesus na formação docente

La Alfabetización Literaria y Carolina María de Jesús en la formación del profesorado

Literary Literacy and Carolina Maria de Jesus in teacher training

Sahmaroni Rodrigues de Olinda¹
Universidade Federal do Ceará

Nara Camilo Melo²
Universidade Federal do Ceará

Aguar Façanha³
Universidade Federal do Ceará

Resumo

Objetivamos apresentar o Círculo de leitura literária Carolina Maria de Jesus, projeto de extensão (FACED/UFC), cujo objetivo é ler coletivamente obras literárias com temática/autoria de pessoas negras, LGBTQ+, mulheres, indígenas e PCD, tentando fomentar leitura literária em docentes em formação inicial e continuada, seguindo o modelo de círculo de cultura freireano, os estudos de Cosson (2020) e Bajour (2012). Trata-se de pesquisa qualitativa, tendo dados do projeto aprovado pelo edital 15 (PREX/UFC) que caracteriza o dispositivo, dados oriundos de questionário elaborado para seleção de vinte componentes internos e externos à instituição e avaliação das atividades do primeiro semestre. Como resultados, percebe-se o poder formativo da leitura coletiva de obras literárias, fomentando interpretações múltiplas e repertório que pode auxiliar docentes a se posicionarem em momentos de escolhas de acervos, autores e obras em exercício de mediação de leitura literária, além de letramento racial e inclusivo na perspectiva emancipatória.

Palavras-chave: círculo de leitura; formação docente; letramento literário; saberes docentes.

Resumen

Nuestro objetivo es presentar el Círculo de Lectura Literaria Carolina María de Jesús, un proyecto de extensión (FACED/UFC), cuyo objetivo es leer colectivamente obras literarias con temática/autoría de personas negras, LGBTQ+, mujeres, indígenas y personas con discapacidad, con la intención de incentivar la lectura literaria en profesores en formación inicial y continua, siguiendo el modelo freireano de círculo de cultura, los estudios de Cosson (2020) y Bajour (2012). Se trata de una investigación cualitativa, que utiliza datos del proyecto aprobado por la convocatoria pública 15 (PREX/UFC) que caracteriza el dispositivo, datos de

¹ Doutor em educação (UFC/Sorbonne Cité 13). Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Ceará. Coordena o Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus, o Círculo de Produção Literária Escrevivências Transviadas. E-mail: sahmaronirodrigues@ufc.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4820-6134>.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Monitora da disciplina Ensino de Língua Portuguesa e uma das fundadoras e bolsista voluntária do Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus. E-mail: naracamilo@alu.ufc.br - ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0411-4000>.

³ Doutoranda em Educação Brasileira- UFC, professora efetiva de História da rede estadual do Ceará. Participa da coordenação do Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus. E-mail: marliaaguiaf@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0939-5259>.

un cuestionario diseñado para seleccionar veinte componentes internos y externos de la institución y una evaluación de las actividades del primer semestre. Los resultados muestran el poder formativo de la lectura colectiva de obras literarias, propiciando múltiples interpretaciones y un repertorio que puede ayudar a los profesores a posicionarse en la elección de colecciones, autores y obras en la mediación de la lectura literaria, así como la alfabetización racial e inclusiva desde una perspectiva emancipadora.

Palabras clave: círculo de lectura; formación del profesorado; alfabetización literaria; conocimientos pedagógicos.

Abstract

We aim to present the Carolina Maria de Jesus Literary Reading Circle, an extension project (FACED/UFC), whose objective is to collectively read literary works with themes/authorship of black people, LGB+, women, indigenous people and PWD, intending to foster literary reading in teachers in initial and continuing education following the Freirean culture circle model, the studies of Cosson (2020) and Bajour (2012). This is a qualitative research, with data from the project approved by the public notice 15 (PREX/UFC) that characterizes the device, data from a questionnaire prepared for the selection of twenty internal and external components of the institution, and evaluation of the activities of the first semester of activities. As a result, the formative power of the collective reading of literary works is perceived, fostering multiple interpretations and repertoire that can help teachers to position themselves in moments of choices of collections, authors and works in the exercise of literary reading mediation, in addition to racial and inclusive literacy in the emancipatory perspective.

Keywords: reading circle; teacher training; literary literacy; teaching knowledge.

1 INTRODUÇÃO

*Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro.
O livro é a melhor invenção do homem. [...] Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler.
(Carolina Maria de Jesus, 2020, p. 24)*

Pesquisas têm revelado uma grande lacuna na formação leitora de docentes, principalmente na leitura literária, apontando para a dificuldade que surge quando docentes que deverão mediar leitura literária não são leitores(as) e/ou não possuem saberes necessários para tal mediação (Amarilha, 2021; Cosson, 2021; Andrade, 2007). Tal lacuna tem dificultado agir no momento de escolher e mediar leitura literária junto às crianças e adolescentes, uma vez que há lacuna de repertório que auxilie como saberes literários, na hora da ação docente (Andrade, 2007; Amarilha, 2021).

A partir desta constatação indagamos: como podemos tentar reverter este quadro? Que estratégias e políticas poderiam ser fomentadas para mudar este quadro que acusa uma lacuna de leitura de literatura no cotidiano docente? E a leitura de literatura não canônica, como a produzida por mulheres, pessoas LGBTQ+, pessoas negras e indígenas e pessoas com deficiência (PCD), de modo que haja formação de

leitoras de literatura, ao mesmo tempo em que ocorra processo de letramento racial e inclusivo emancipatório?

Foi a partir desta problemática que o Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus foi criado no primeiro semestre de 2024 como projeto de extensão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob coordenação do professor Sahmaroni Rodrigues de Olinda em parceria com Centro Acadêmico Paulo Freire, tanto a partir da lacuna desse repertório por parte do docente, como pela demanda de estudantes do curso de Pedagogia diurno e noturno.

O círculo de leitura em questão tem encontros quinzenais, no período noturno, na Faculdade de Educação da UFC e é formado por dois (02) coordenadores e sete (07) bolsistas, remunerados e voluntários. A primeira turma surgiu no período de 2024.1, contando com quinze (quinze) participantes. A criação do círculo surge como uma resposta que tenta suprir as indagações e as demandas sobre a literatura na vida dos professores, estudantes e comunidade em geral, uma literatura que não se limita ao tradicional, que permita ampliar nosso senso crítico com temáticas muito caras, juntando assim o estímulo ao ato de ler como também a reflexão coletiva de literaturas periféricas, aquelas que não são colocadas em nenhum momento na centralidade do conhecimento, mas que carregam um potencial pedagógico e contra hegemônico.

Destarte, neste trabalho iremos discutir a leitura de literatura como letramento literário interseccionado ao letramento racial, *queer*, inclusivo emancipatório, isto é, sabendo que estas pautas acabam sendo cooptadas pelo sistema capitalista e transformados em produtos a serem consumidos, não garantindo a emancipação da grande maioria de pessoas negras, LGBT+, mulheres, indígenas da classe trabalhadora, pois como nos lembra bell hooks, “comunidades de resistência são substituídas por comunidades de consumo” (hooks, 2019, p. 83).

Assim, como diz a escritora Ana Maria Gonçalves⁴ em entrevista ao programa Provoações, não se trata de lutarmos por representatividade, conceito que flerta com a ideia de diversidade de mercado, mas com a presença física destes grupos

⁴ Programa Provoações de 28 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7IJ6Y-1dy8&t=676s>.

historicamente excluídos, inclusive, da ideia de humanidade defendida pelo modelo universal europeu (Dias, 2023; Rosa, 2022; Cuti, 2010).

Entendemos que este trabalho se justifica pela importância de socializar experiências de leitura literária que vem acontecendo de maneira exitosa e também pela necessidade de refletir sobre espaços sociais/coletivos de formação de leitura estética de licenciandos e futuros docentes. Partindo das ideias de Cosson (2020, 2021) e Bajour (2012), defendemos o poder transformador da leitura e discussão coletiva de literatura e a necessidade de lermos obras e autores de grupos minorizados em nosso processo sócio-histórico excludente e mortífero para certos grupos sociais (Dalcastagnè, 2012)

Assim, o objetivo geral do texto é apresentar o Círculo de leitura literária Carolina Maria de Jesus, projeto de extensão (FACED/UFC), cuja proposta é ler coletivamente obras literárias com temática/autoria de pessoas negras, LGBTQ+, mulheres, indígenas e PCD, tentando fomentar leitura literária na formação inicial e continuada de docentes, seguindo o modelo de círculo de cultura freireano, os estudos de Cosson (2020) e Bajour (2012).

Como objetivos específicos, intentamos descrever a proposta do Círculo de Leitura Literária tal qual se encontra no projeto aprovado pelo edital 15 da pró-reitoria de Extensão (UFC); narrar o processo de seleção de integrantes a comporem o círculo, pois tal processo aponta as estratégias político-metodológicas empregadas pelo projeto em seu funcionamento, discutir, a partir da avaliação coletiva de nosso primeiro semestre de atividades, o impacto que as leituras e estratégias de mediação de leitura tem causado nas pessoas participantes.

Trata-se de pesquisa qualitativa, tendo dados do projeto aprovado pelo edital 15 (PREX/UFC) que caracteriza o dispositivo, dados oriundos de questionário elaborado para seleção de vinte componentes internos e externos à instituição e avaliação das atividades do primeiro semestre realizada por formulário *google* a qual obtivemos oito (08) respostas.

2 METODOLOGIA

*Vocês são incultas, não pode compreender.
Vou escrever um livro referente a favela.
Hei de citar tudo que aqui se passa.
E tudo que vocês me fazem.*

*Eu quero escrever o livro, e vocês com estas
cenas desagradáveis me fornece os argumentos.
(Carolina Maria de Jesus, 2020, p. 18)*

Silva (2018) aponta sobre a importância de tecer narrativas sobre experiências de ensino, de modo que o que se faz seja refletido para que se gere, a partir deste processo reflexivo, sobre o próprio trabalho, uma percepção intelectual sobre o que se faz, gerando uma percepção da junção entre teoria e prática, forma e conteúdo e para que nós, docentes, sejamos efetivos autores de nosso trabalho.

Desse modo, os dados aqui apresentados foram produzidos a partir de uma experiência de curricularização da extensão intitulada Círculo de leitura literária Carolina Maria de Jesus, experiência que está acontecendo e cujos dados aqui utilizados demarcam nosso primeiro semestre de existência.

Trata-se de pesquisa qualitativa (Silva, 2018), de caráter exploratório, tendo como dados o projeto aprovado pela Edital 15, da Pró-Reitoria de Extensão, que selecionou propostas de curricularização da extensão, dados oriundos do questionário utilizado para a seleção de participantes do círculo, retirados de nosso diário de encontros, dispositivo que utilizamos para registrar nossos momentos coletivos de discussão e comentários de participantes que nos afetam e remetam à proposta formativa do círculo, bem como de oito respostas recebidas para o formulário criado para avaliarmos coletivamente nossos encontros realizados no primeiro semestre de 2024.

O diário de nossos encontros foi criado como forma de honrar a memória de Carolina Maria de Jesus, autora que tinha o hábito de fazer diários e escrever tudo em seu caderno, inclusive, ameaçando seus vizinhos de colocá-los em seus diários quando havia conflitos na favela em que moravam (Jesus, 2020). O hábito de pegar um caderno para escrever sobre o que se observa e vê, fez escrever ainda outros livros como Casa de Alvenaria (1961) e o Diário de Bitita (1982), e nessa tradição, criamos um caderno em que registramos os nossos encontros no intuito de relatar por escrito nossas impressões, principais pontos das discussões e partilhas acontecidas na comunidade de pessoas leitoras que estávamos compondo.

O formulário de avaliação foi criado ao final do primeiro semestre de 2024. Trata-se de formulário *online* criado na plataforma *Google* com questões abertas e objetivas para que soubéssemos o que fora proveitoso e aquilo que não fora tão

aprazível para o grupo, de modo que pudéssemos iniciar o processo de planejamento para o segundo semestre de 2024. Recebemos oito respostas ao formulário e são essas respostas que foram utilizadas aqui para compormos a análise dos dados que figuram neste artigo.

Os dados foram lidos, relidos, e a partir deles, buscamos problematizar algumas afirmações que se esvaziaram no debate sobre formação de pessoas leitoras e sobre a ampliação do cânone, de modo a viabilizar grupos sociais historicamente excluídos. Buscando pentear a contrapelo (Benjamin, 1996), fomos respondendo aos nossos objetivos de pesquisa, visando refletir sobre nossa prática e problematizar alguns conceitos e concepções encontrados, tanto nas primeiras impressões do projeto, quanto noções que se estandardizaram e foram esvaziadas em relação à leitura e às questões sociais de suma importância que esta traz.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

*Diego não conhecia o mar.
O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,
depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos.
E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor,
que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo,
gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!
(Eduardo Galeano, 1991, p. 12)*

Como podemos então desenvolver e refletir sobre processos de aprendizagem em mediação de leitura literária? Como arregimentar estudantes do curso de Pedagogia, outras licenciaturas e professores da educação básica para pensarem em uma nova educação literária que promova a ampliação cultural e estética dos indivíduos? Como conseguir dos docentes e dos alunos da licenciatura em pedagogia e demais licenciaturas, a inserção em ações educativas que sejam processos sensíveis de fruição, expressão e produção artístico-literárias?

A partir dessas questões, surgiu o círculo de leitura literária Carolina Maria de Jesus, uma articulação com o Centro Acadêmico Paulo Freire, entidade estudantil do curso de Pedagogia diurno e noturno da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará, que visa criar um espaço coletivo de leitura, fruição, nutrição estética e compreensão de obras literárias de autoria feminina, negra,

LGBT+, indígena e de pessoas com deficiência (PCD), no intuito de ampliar nosso acesso a obras artístico-literárias que se encontram na periferia do cânone nacional entrecruzando o letramento literário com os literários transviados e/ou *queer* Dias, 2023) racial (Rosa, 2022; Cuti, 2010), compreendendo letramento como

Aqui convém explicitar, em primeiro lugar, que considerar letramento literário um processo significa tomá-lo como um estado permanente de transformação, uma ação continuada, e não uma habilidade que se adquire como aprender a andar de bicicleta ou um conhecimento facilmente mensurável como a tabuada de cinco. Também deve ficar claro que o letramento literário não começa nem termina na escola, mas é uma aprendizagem que nos acompanha por toda a vida e que se renova a cada leitura de uma obra significativa. Depois, trata-se de apropriação, isto é, um ato de tornar próprio, de incorporar e com isso transformar aquilo que se recebe, no caso, a literatura. [...] Por fim, trata-se da apropriação da literatura não apenas como um conjunto de textos, consagrados ou não, mas também como um repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos (Paulino; Cosson, 2009, p.67, negritos nossos).

Assim, partindo dessa definição, entende-se o letramento literário como um processo que não começa nem termina na escola, que está espalhado em diversos espaços sociais, ainda que a escola tenha um papel bastante importante a desempenhar na “divulgação dos bens simbólicos que circulam fora dela, mas para poucos” (Walty, 2011, p. 54). Além disso, ao nos apropriarmos de algo, podemos modificá-lo, ampliá-lo, fazê-lo a nosso modo, dialogando ou conflitando com o que está dado socialmente, uma vez que, a partir deste repertório cultural, é possível produzirmos outras possibilidades artístico-literárias.

Concomitantemente, cruzamos tal conceito com o de letramento racial, entendido como “um conjunto de práticas que permite que pessoas racializadas tanto como brancas quanto como não brancas passem a perceber a racialização e suas consequências na sociedade” (Severo, 2021, p. 6402), interseccionando-o com o letramento literário *queer*, ou, como preferimos, transviado, entendendo-o como uma proposta de leitura

Como meio para aprender a ser crítico e criativo, questionando a perspectiva heteronormativa e as narrativas tradicionais [...] um ato de resistência e de empoderamento que oferece a oportunidade de se conectar com as narrativas e os personagens LGBTQIA+ (Dias, 2023, p.81).

Também confluímos com a ideia de que a arte humaniza, torna-nos humanos, faz-nos sentir perspectivas diferentes das nossas, faz-nos experienciar a alteridade (Larrosa, 2007; Paulino; Cosson, 2009; Cosson, 2018), e, em se tratando de ensinar

literatura, pensamos que ensinamos melhor aquilo que nos é significativo, aquilo que é do terreno da nossa vida, aquilo que experienciamos, que nos acontece, nos toca, nos fere (Larrosa, 2002), e não apenas um saber de obrigação, um saber emprestado, que é importante saber apenas por alguém ter dito que assim era (Zilberman, 2021).

Não se tratava, entretanto, de uma literatura qualquer, mas aquela que, sendo arte e não teoria e/ou panfleto político, nos trouxesse a presença de grupos que foram despejados/excluídos de espaços de poder, como a universidade e o cânone literário, acentuando o caráter ideológico do letramento (Rosa, 2022) e apontando para a necessidade de abrir presença para literaturas outras, uma opção política, portanto, não de dar voz, mas de ouvir o que mulheres negras, pessoas LGBTQ+, negras, indígenas, PCD escrevem e propõem como arte, daí Carolina Maria de Jesus ser nosso símbolo e referência: uma mulher de pele retinta, favelada e catadora de lixo que ousou amar ler e escrever literatura, ainda que ao seu lugar social isso não fosse o indicado/previsto.

Assim nasce o Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus, em março de 2024, uma ação de leitura artística, uma espécie de clube do livro, cujo foco é democratizar o acesso a obras literárias contemporâneas de autoria feminina, negra, indígena, LGBTQ+. Intenta ler literatura, e não ler SOBRE literatura, não se constituindo, portanto, um grupo de estudos, mas um grupo de fruição estética, democratização da leitura. Utiliza-se da nomenclatura "Círculo de leitura", em detrimento de "clube do livro" para confluir com a proposta freireana dos círculos de cultura, tomando a ideia de literatura, no seu sentido mais amplo e contemporâneo, isto é, para além do canônico (Dalcastagnè, 2012)

Nos tempos atuais, parece ser perda de tempo parar para ler uma obra literária, parece que literatura é coisa dos séculos passados (Cosson, 2020), que no modo apressado em que existimos, dedicar parte de nosso tempo para tocar numa obra e fruí-la de modo a ser afetado por ela, tornou-se obsoleto, ou algo de onde não se encontra prazer e conhecimento.

Além disso, a concepção de leitura como uma atividade unicamente solitária, faz-nos não perceber as possibilidades de ler uma obra coletivamente com o intuito primeiro de lê-la para somente depois, e ainda coletivamente, buscar construir sentidos para ela, e, a partir dela e de nosso encontro, ampliar os sentidos em nossas

vidas (Martins; Picosque, 2012), inclusive encontrando brechas para recontar nossa história, escovando a história a contrapelo (Benjamin, 1996).

Por fim, o processo de escolarização da leitura literária, tão necessário à garantia ao direito de democratização da literatura (Soares, 2011), acabou ceifando o encantamento com a possibilidade imaginativa e lúdica do literário, na medida em que este foi transformado em tarefa burocrática escolar se concretizando em listas de autores (quase sempre homens, brancos, héteros (Dias, 2023), períodos literários, características de obras, e, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, nas famigeradas fichas de leitura (Soares, 2011).

Desse modo, propomos o círculo de leitura como uma possibilidade teórico-político-metodológica de acesso e trabalho com a literatura, valorizando o círculo freireano, em que a leitura da obra, e não sobre a obra, assim como a conversa são as principais ferramentas, pois : “conversar é um modo de exposição sobre o que estamos pensando, sentindo, e, por isso, momento de partilhar as impressões, as sensações, as ideias e conceitos perceptivos gerados pela experiência estética” (Martins; Picosque, 2012, p.37).

Segundo Cosson (2021, p. 29) “um círculo de leitura é a reunião de um grupo de pessoas para discutir um texto [artístico-literário], para compartilhar a leitura de forma mais ou menos sistemática”. Com formatos que são definidos pelo próprio grupo de pessoas interessadas que o compõem, os círculos de leitura literária vêm sendo apontados como uma possibilidade de democratizar a leitura literária, sendo para isso importante a preparação de mediadores, tornando-se imprescindível “a presença de um mediador sensível, atento, disponível, provocador de conversações que socialize e amplie os modos de ver/significar/viver arte e cultura” (Martins; Picosque, 2012, p.30). Segundo essas autoras, podemos entender mediação como

O ato ou efeito de mediar. É uma intervenção, um intermédio. Juridicamente, o termo é empregado para processos pacíficos de acerto de conflitos internacionais onde a sugestão é sugerida e não imposta. Envolve assim dois pólos que dialogam através de um terceiro, um mediador, um mediano, o que ou aquele que executa os desígnios de intermediário. Estes desígnios estão em nosso foco, na mediação entre a produção artística e o fruitor, buscando fruição - ação ou efeito de fruir: gozo, posse, usufruto (Martins; Picosque, 2012, p. 25).

A literatura pode humanizar, afirma Antônio Candido (1995). Pode pentear a história a contrapelo, mostrando-nos outras versões para a história, para as normas

sociais hegemônicas, pode nos estesia, entendendo estesia “uma capacidade que permite a percepção, através dos sentidos, do mundo exterior”, algo como uma “poética da dimensão sensível do corpo” (Martins; Picosque, 2012, p.35) que nos possibilita uma experiência de ser afetado por outras condições de existência, outros lugares, comportamentos, seres, deslocamentos.

O círculo acontece desde março de 2024, às terças, quinzenalmente, das 19 às 21 horas, de início, na própria FACED, mas devido à greve, passamos a fazer parceria com a Biblioteca Municipal Dolor Barreira, próxima à universidade. Abrimos seleção para 15 integrantes: 5 ligados à UFC; 05 da Rede de Educação Básica e 05 selecionados da comunidade externa. As inscrições foram feitas via formulário doc., e ficaram abertas do dia 26 de janeiro até o dia 26 de fevereiro.

Tivemos 32 inscrições, e dessas, selecionamos 15 integrantes, sendo como critérios, além dos espaços citados acima (UFC, Rede de Educação Básica e comunidade externa à UFC), pessoas negras, indígenas, LGBTQ+, PCD e mulheres.

Enquanto equipe de coordenação, o Círculo atualmente é composto pelo professor-coordenador Sahmaroni Rodrigues de Olinda, a doutoranda do programa de Pós-Graduação em Educação (UFC) Marlia Aguiar Façanha, Nívea Maria Rodrigues dos Santos (bolsista remunerada de extensão), Nara Camilo Melo e Renan Lopes da Silva (bolsistas voluntários - extensão) e quatro bolsistas de iniciação acadêmica: Angelica da Silva de Sousa, Giovanna Gomes de Lima Queiroz, Kamila Sales da Silva e Maria Giovana das Graças Silva Freire

Em nosso primeiro encontro, além das boas vindas, fizemos um planejamento coletivo, decidindo as obras lidas no primeiro semestre (Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus (2020) e Olhos d'Água de Conceição Evaristo (2014)), bem como decidimos ter obras de mulheres negras para este primeiro ano do projeto e dessa forma, continuaremos lendo autoras como Eliane Alves Cruz com o livro Águas de Barreira (2016) , Eliane Marques com o livro Louças de Família (2023), Conceição Evaristo com o livro Becos da Memória (2006) e, evidentemente, Carolina Maria de Jesus com o livro O escravo (2023).

Todas as decisões são coletivas, inclusive o lanche que compartilhamos em cada encontro e do mesmo modo, as mediações são coletivas, tendo duas ou três pessoas como responsáveis pela condução de cada encontro, responsáveis por

pensar perguntas ou atividades que fomentem a leitura em voz alta e/ou discussão de trechos preferidos por cada participante, de modo a haver troca e partilha de percepções e reflexões estético-artístico-sociais.

Mas de que maneira essas mediações têm afetado integrantes que compõem o círculo? De que maneira o *slogan* 'leiam mulheres negras' em deixado de ser uma frase vazia para se tornar uma prática por parte de quem desejou e sustentou o desejo de ler essa literatura? Como o dispositivo 'círculo de leitura' tem contribuído na ampliação de mundo de seus integrantes, inclusive de docentes que o compõem?

A partir das oito respostas enviadas como avaliação de nosso primeiro semestre de atividades, podemos dizer que sim, há um efeito positivo na forma como encaramos essas questões sociais: desde à pluralidade de vivências do que significa ser uma mulher negra, a uma visão menos idealizada, portanto mais respirável para estas mulheres, do que significa ser mulheres negras (no plural) seus contextos, dores, amores, forças e contradições.

Gostei bastante. Só acho lamentável a gente não começar no tempo combinado, fazendo tudo ficar mais corrido. Acho também que seria importante haver leituras dos textos durante os encontros... Pintar é legal, mas notei que muita gente não lia "mulheres negras" e acho que o foco deve ser ler e discutir.

Nesse comentário, a pessoa participante destaca algo que vimos reforçando bastante: há um *slogan* esvaziado que prega 'leia mulheres negras', uma certa referência de força, ancestralidade, etc., mas o ato de desejar dedicar tempo em seu cotidiano para efetivamente ler as obras dessas mulheres, tem sido um desafio, seja pela correria de nossas vidas de trabalho, seja pela falta de hábito de ler literatura, considerada, muitas vezes, como leitura inútil, daí a fala que reforça, de um lado, o esvaziamento do *slogan*, e do outro, a opinião formada sobre tudo, sem nem se ter lido a obra escolhida coletivamente.

É neste sentido que enfatizamos anteriormente o quanto a ideia de representatividade pode esconder a perpetuação da ausência de grupos minorizados nos espaços: não adianta falar em ler mulheres negras, se esta leitura não se fizer presente em nosso cotidiano, se não reverenciamos essas autoras com a oferta de uma parte de nosso tempo e força vital no cultivo do hábito de lê-las.

Era comum, durante os encontros, também ouvirmos comentários sobre o poder dos textos sobre o nosso corpo: assim, uma das integrantes do círculo, responsável por fazer a mediação do nosso último encontro sobre o livro *Olhos d'Água* e Conceição Evaristo (2014), confessou-nos emocionada não ter conseguido terminar de ler a obra quando chegou ao conto *Luamanda* (Evaristo, 2014), uma vez que o conto trata, entre outras questões, da perda de filho, de maternidade, de direitos sexuais da mulher, sendo gatilho para questões pessoais que ressurgiram em seu corpo com muita força.

Entendemos que é esse o poder humanizador da literatura de que fala Candido (1995), a partir de histórias singulares em que são figuradas questões sociais sérias, sentimos em nós o eco e a possibilidade de empatia e solidariedade como armas políticas na mobilização pelos grupos minorizados. É pelo sentir que a razão mobiliza o corpo à ação.

Não é o mero palavrório, é a palavra com força estética, como um machado justiceiro a nos acordar para as injustiças. É o que nos faz lembrar outra integrante ao destacar que no conto *O cooper de Cida*, o *cooper* é o próprio *modus operandi* da personagem, semelhante ao nosso: ela corre até para correr, só corre. “Assustou-se. Percebeu que não estava correndo. Estava andando em câmera lenta, quase” (Evaristo, 2014, p. 72). A grandeza da literatura é nos fazer sentir o corrido da vida da personagem na escolha das palavras, e são as palavras que ecoando em nós, despertam nossa percepção do outro.

Interessante como as discussões ampliam o que a gente vê: não conhecia Carolina, e quando li o Quarto de despejo fiquei horrorizada como ela falava de outras mulheres, e dos favelados. Mas nas discussões, veio a Carolina mãe, mulher, favelada, escritora, leitora, contraditória...como nós... as discussões fazem a gente tirar o peso da idealização que a gente quer pôr sobre os grupos de minorias. Isso pra mim foi muito importante.

Neste trecho acima, podemos destacar três elementos importantes: primeiramente, a importância de realmente se ler os textos e autoras para conhecê-las dentro daquilo que é figurado em seu trabalho artístico, de modo que o peso do ideal de militância, em contradição não seja mais um peso sobre essas pessoas; em segundo lugar, a força do grupo de leitura que nos ajuda a perceber as coisas de diferentes maneiras, ampliando nosso conhecimento de mundo, nossa percepção sobre as personagens e situações lidas, e, portanto, nosso conhecimento de mundo.

Por fim, mas não menos importante, o terceiro elemento seria o peso de idealização que grupos minorizados precisam carregar: se é verdade, como aponta Freire (1987), que podemos diminuir a distância entre aquilo que falamos e fazemos, por outro lado, é importante lembrar que, enquanto pessoas vivendo num contexto social extremamente contraditório, seria ilógico não o sermos em alguma medida, e, muitas vezes, continuamos a violentar certos grupos, quando exigimos deles aquilo que não se encontra no contexto social.

Assim, esperar de Carolina determinados elementos (sororidade, solidariedade marxista de classe etc.) é violentar sua memória, daí a posição de honrá-la enquanto mulher negra que ousou sair do lugar social imposto a ela, sem que por isso se espere dela atitudes angelicais diversas àquelas encontradas em seu contexto sócio histórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Vou aprender a ler
Pra ensinar meus camaradas
Vou aprender a ler
Pra ensinar meus camaradas
'Prender a ler
(Capinan, Roberto Mendes, 2003)*

Este texto teve como objetivo geral apresentar o Círculo de leitura literária Carolina Maria de Jesus, projeto de curricularização da extensão (FACED/UFC), cuja intenção é ler coletivamente obras literárias com temática/autoria de pessoas negras, LGB+, mulheridades, indígenas e PCD, intentando fomentar leitura literária na formação inicial e continuada de docentes seguindo o modelo de círculo de cultura freireano, os estudos de Cosson (2020) e Bajour (2012).

Por objetivos específicos, visamos descrever a proposta do Círculo de Leitura Literária aprovada pelo edital 15 da pró-reitoria de Extensão (UFC); narrar o processo de seleção de integrantes a comporem o círculo, pois tal processo aponta as estratégias político-metodológicas empregadas pelo projeto em seu funcionamento; discutir, a partir da avaliação coletiva de nosso primeiro semestre de atividades, o impacto que as leituras e estratégias de mediação de leitura têm causado nas pessoas participantes.

Para isso, decidimos por uma abordagem qualitativa, e utilizamos dados oriundos de formulário de avaliação das atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 2024, dados do diário de registro de nossos encontros, dispositivo criado em homenagem à Carolina Maria de Jesus, nossa referência de resistência na garantia de direito de leitura e escrita literárias, bem cultural negado a determinados grupos sociais, ainda que até hoje sirva como parâmetro de mensuração do capital cultural considerado legítimo em instituições que selecionam e excluem pessoas de determinados espaços e postos de trabalho.

Utilizamos também do formulário de seleção de integrantes para o círculo, pois os parâmetros utilizados já demarcam nossas opções teórico-políticas na perspectiva de criação de uma comunidade de pessoas leitoras de literatura, e não qualquer literatura, mas aquela produzida por grupos sociais historicamente excluídos e/ou deixados à margem do cânone literário.

Como conclusões, pudemos perceber que, apesar de uma estandardização do *slogan* 'leiam mulheres negras', a formação de pessoas leitoras ainda é um desafio seja pela falta de tempo de estudantes-trabalhadoras e docentes em atuação, seja pela idealização da atividade de leitura que não leva em conta a necessidade de disciplina a ser criada para se "perder tempo" dedicado às obras e autoras selecionadas para serem lidas.

Não se trata de negar a importância de criar regimes de visibilidade e dizibilidade para estes grupos sociais postos à margem historicamente, mas de não se permitir o esvaziamento de uma pauta social de extrema importância, efetivando as condições para que a leitura aconteça, e para isso, repetimos, desidealizando a atividade de leitura: não basta espalhar nas redes sociais este tipo de slogan, é necessário se efetivar a leitura, se construir disciplina intelectual de parar o corpo, focar a atenção e o foco para se ler seja o que for.

Também é importante destacar que não se trata de representatividade, para nós palavra que aponta a cooptação do *mainstream* de uma pauta social importante: trata-se de garantir a presença de pessoas minorizadas em espaços sociais de poder, no caso, não apenas ler Conceição Evaristo ou Carolina Maria de Jesus, mas ler várias e diversas mulheres negras que têm se dedicado a escrever e publicar literatura em nosso país.

Outro ponto que merece atenção é que o próprio acesso ao livro ainda é precário, tendo a maioria das pessoas integrantes lendo em telas de celular, por não termos acesso a exemplares físicos para todas e todos, e nem mesmo leitores de livros digitais, que, apesar da promessa de democratização com a tecnologia, continua inacessível para a maioria das pessoas.

Também pudemos perceber a importância da leitura e discussão coletiva das obras na construção de percepções mais complexas, tanto da leitura do mundo, como da leitura da palavra, fazendo com que as diferentes posições sociais em que cada uma de nós se encontra amplifique com nossa fala e escuta a percepção das demais pessoas.

Por fim, outra conclusão que nos parece importante de ser destacada é a desidealização que a leitura de obras e autoras minorizadas produz em pessoas leitoras, evitando o encadeamento de violências sociais que segue exigindo de grupos minoritários que esses sejam coerentes, perfeitos, “melhores” que os demais, como algo compensatório. Fomos, em nossas discussões, construindo a percepção óbvia de que falávamos de pessoas, e pessoas são multiversos. Óbvia, mas conforme Caetano Veloso, será necessário um índio vindo das estrelas para mostrar aquilo que sempre esteve oculto: o óbvio.

A formação docente é complexa e exige maiores esforços em políticas de leitura e difusão de livros e outros materiais de leitura para que haja a possibilidade de apropriação desse objeto cultural por parte daquelas pessoas que não puderam ter acesso a este bem cultural em sua família e comunidade. Isso se torna importante ainda mais quando pensamos que cabe a pedagogos e pedagogas o trabalho inicial de mediação da leitura literária no processo de escolarização: que pedagogos e pedagogas temos formado? Que saberes, critérios e acervos estas profissionais em formação inicial e continuada detém para uma abordagem que cultive leitoras nas escolas? Que letramento racial, transviado e inclusivo tem recebido estas profissionais?

São questões como estas que esperamos serem respondidas em pesquisas futuras, em práticas de formação inicial e continuada que primem pelo presente dessas pessoas, pela pessoa adulta que são, pelas dificuldades acumuladas pelo processo de exclusão ao direito de acesso à leitura, à literatura e ao livro.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. Literatura em Pedagogia? Isso não é coisa de Letras? Em busca do elo perdido na formação dos primeiros professores. *In*: PINTO, Francisco Neto Pereira *et al* (orgs.). **Ensino da literatura no contexto contemporâneo**. Campinas: Mercado de Letras, 2021. p. 447-462.
- ANDRADE, Ludmila Thomé de. **Professores leitores e sua formação**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CAPINAN José Carlos. MENDES, Roberto. Massemba. *In*: MENDES, Roberto. **Flor da memória**. Bahia: Produção independente, 2003. CD. Faixa 2.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.
- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina - **Literatura Brasileira Contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Horizonte, 2012
- DIAS, Roberto Muniz. **Letramento literário e diversidade**: Por que um letramento literário queer? Salvador: Devires, 2023.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1991.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Entrevista**. Programa Provocações de 28 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7IJ6Y-1dy8&t=676s>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n 19, p.20-28, jan./fev./mar./abr., 2002.

LARROSA, Jorge. Literatura, Experiência e formação: uma entrevista com Jorge Larrosa. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 129-156.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania Maria Kunchenbecker (org). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

ROSA, Sonia. **Literatura infantil afrocentrada e letramento racial: uma narrativa autobiográfica**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

SEVERO, Renata Trindade. Letramento racial e técnicas de si. **Fórum Linguístico**. Florianópolis (Santa Catarina), Brasil. v. 18 n. 3, p. 6400-6415 (2021). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/82010>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da. **Epistemologia da práxis na formação de professores: perspectiva crítico-emancipadora**. São Paulo: Mercado das Letras, 2018.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org). **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17-48.

WALTI, Ivete Lara Camargos. Literatura e escola: antilições. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org). **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 49-70.

ZILBERMAN, Regina. Letras – uma área em busca de justificativa. *In*: PINTO, Francisco Neto Pereira et al (orgs.). **Ensino da literatura no contexto contemporâneo**. Campinas: Mercado de Letras, 2021, p. 17-34.



Este conteúdo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons BY-NC-AS 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)